

O Brasil precisa de um ajuste econômico

O Brasil não deve esperar que "o resto do mundo demonstre entusiasmo" em ajudá-lo a sair da crise econômica, se ele próprio não começar a pôr em ordem sua economia doméstica — disse ontem, em editorial, o jornal **The Washington Post**, informa o correspondente Moisés Rabinovici.

O atraso no pagamento de juros, que é visto como uma prudente tentativa de conservar as reservas em moeda estrangeira, deverá servir a um útil objetivo político: "Vai lembrar aos líderes das sete nações industrializadas, quando se encontrarem em Paris para a reunião anual sobre economia mundial, durante a semana, que ainda não existe uma estratégia para tratar da dívida do Terceiro Mundo", diz o editorial.

Os Estados Unidos ofereceram uma proposta, o Plano Brady, há quatro meses, que parece ter emperrado em problemas mecânicos.

"Os sul-americanos protestam, com amargura, que as dívidas são um peso opressivo imposto pelos países ricos, que os impede de crescer normalmente... Mas na maioria dos países as razões primárias para os problemas econômicos são internas. A redução da dúvida não vai dar resultados, a menos que acompanhada de reformas domésticas sérias e substanciais. O Brasil é o melhor exemplo."

O Post acrescenta que o último programa antiinflacionário brasileiro, anunciado em janeiro, já foi abandonado. A taxa de infla-

ção está se aproximando dos 30% ao mês. "A chance de qualquer intervenção pelo governo, neste ano, parece nula, na medida em que o País caminha para eleições presidenciais em novembro — a primeira eleição popular de um presidente desde 1960 — e a campanha é uma paralisia política."

A razão básica para a inflação, como acrescenta o Post, é o gigantesco déficit fiscal: o Brasil tem uma distribuição de renda totalmente desigual, com muita concentração de riqueza no topo da escada, e uma grande pobreza embaixo. "Os ricos usam seu poder financeiro para resistir à taxação, e o pobre está aprendendo a usar seus votos para resistir a quaisquer cortes nos subsídios sociais.

O resultado é um impasse do tipo familiar aos americanos, mas numa escala muito mais ameaçadora. Se os brasileiros não conseguirem encontrar uma solução para os perigos fundamentais do déficit e inflação, um alívio da dívida não irá ajudá-los."

O Post lembra que os vários planos criados nos últimos anos envolveram, de uma forma ou de outra, a promessa de ajuda como um incentivo a reformas estruturais nos países devedores. Esta promessa deverá ser reafirmada pela conferência de cúpula econômica de Paris. "Mas até que o Brasil comece a pôr sua própria economia doméstica em ordem, não poderá esperar que o resto do mundo demonstre entusiasmo em ajudá-lo" — conclui o editorial.